

Redação Científica e Comunicação da Saúde: desafios para a atuação jornalística

José Aparecido de Oliveira

Palavras-chave

Comunicação da saúde; Divulgação Científica; jornalismo científico, jornalistas e cientistas, ética profissional

Resumo

O presente artigo, mediante pesquisa bibliográfica, discute o atual papel do jornalismo científico, sobretudo em seu ofício de “redigir” sobre ciência, notadamente notícias sobre saúde, e as conseqüentes implicações deste fazer jornalístico. Dentre os temas presentes na divulgação sobre ciência e tecnologia, destaca-se o sempre crescente interesse pela divulgação de matérias sobre saúde em função de seu interesse público. A comunicação que trata sobre cuidados com a saúde, drogas, suplementos e instrumentos médicos, clínicas e hospitais movimentam bilhões de dólares anualmente em todo o mundo – o que se traduz em um crucial dilema ético para o exercício profissional do redator de ciência.

Ciência – Mistério que suscita interesse

Em recente entrevista, a geneticista Mayana Zatz comentou o paradoxo da ignorância científica que cerca a maioria esmagadora das pessoas, que mesmo vivendo cercadas de benefícios da alta tecnologia, desconhecem o funcionamento da ciência e são vítimas da manipulação de informações sobre panacéias da indústria farmacêutica (ZATZ, tv, 2006).

Em um mundo onde a ciência e tecnologia passaram a fazer parte do cotidiano das pessoas, a demanda por informações sobre Ciência e Tecnologia (C&T) se traduz no anseio popular em acompanhar os progressos e os desafios da vida contemporânea: cercadas de objetos, aparelhos e serviços de tecnologia, as pessoas tornaram-se consumidoras não só de C&T, mas também de informações sobre C&T. Portanto, compreender as novas tecnologias de informação é fundamental para o jornalismo científico. “E se o jornalismo é ou deve ser

reflexo da vida de cada dia, e esta se baseia em boa parte na ciência, parece claro conferir ao jornalismo científico um futuro carregado de interesse”, conforme Hernando (1990, p.17). A C&T está incorporada no cotidiano de tal forma que “a tecnociência insinua-se até em nossas maneiras de pensar (microcomputadores), de fazer amor (pílula anticoncepcional), de dar a vida ou de ir para a morte (bio ou tanatos tecnologia)”, nas palavras de Chrétien (1991, p. 17).

Esse interesse pode evoluir para compreensão mais profunda dos processos de produção de C&T e oferecer condições de envolver o cidadão comum nas discussões, o que remete à necessidade do jornalista científico dominar as questões políticas de C&T e que possam afetar a vida do cidadão comum, os impactos na economia, no meio ambiente, na qualidade de vida das pessoas e nos reais interesses existentes. A cobertura jornalística da C&T “exige uma mobilização permanente, (...) sob pena de nos vermos, jornalistas científicos, de mãos atadas para enfrentar os desafios da nova comunicação científica, que aproxima, de maneira vertiginosa, e muitas vezes sutil, informação e *marketing*, ciência e mercado, tecnologia e capital financeiro” (BUENO, web, 2001).

A cada dia é mais clara a não-neutralidade da teoria e da ciência, o que parece exigir dos cientistas tomada de posição ideológica e compromisso político. Assim, em locais, onde o subdesenvolvimento associado à dominação/dependência dificultam a transformação dos sistemas atuais, a alternativa política da teoria e da ciência deveria ser a de contribuir para a libertação social, econômica, cultural, política e tecnológica da sociedade e dos setores mais oprimidos e marginalizados (Bordenave, 1986, p. 110).

O debate ético que envolve as pesquisas científicas traz para a arena do jornalismo científico formadores de opinião como juristas, religiosos, lideranças políticas, cientistas, jornalistas, além do público leigo, que enviam à redação comentários sobre os discursos emitidos em artigos nos jornais. Tal debate nos remete não somente à função informativa do jornalismo científico, mas também à sua função social, conforme Wilson BUENO (1984, p. 37), capaz de inserir a sociedade e os cientistas em um debate com vistas aos interesses e objetivos da produção científica.

Conforme bem observaram Dröge e Wilkens (1991), a divulgação científica realizada pelos meios de comunicação tem dado lugar a uma abordagem mais crítica em detrimento do oferecimento de panacéias e soluções ufanistas.

A forma e o conteúdo do modo como a ciência e a tecnologia são cobertas mudou consideravelmente ao longo do tempo – a dominante abordagem popularizante, que fazia com que a audiência dos *media* partilhasse os frutos da investigação e do desenvolvimento bem sucedidos, foi ultrapassada nas duas ou três últimas décadas pela cobertura dos impactos menos benéficos da ciência e da tecnologia, nomeadamente os problemas ambientais e as novas ameaças para a saúde, segurança, ética e autodeterminação (PETERS, 2000, p. 213).

Contudo, Bueno (1984, p.61) adverte que o jornalismo científico não tem conseguido realizar sua função político-ideológica, principalmente nos países em desenvolvimento. Esta função relaciona-se à identificação do jornalista científico com a sociedade em que vive: “O jornalista científico precisa escrever para seu povo, para o seu país, e não para fomentar a ganância dos que investem em C&T visando destruir os homens, os povos e a própria natureza”. Espera-se do jornalista, responsabilidade de apuração e informação, contato com fontes sólidas e compromisso ético, da mesma forma que se espera compromisso público dos pesquisadores e cientistas.

Só na Alemanha, por exemplo, análises de conteúdo dos *media* cobrindo um período de várias décadas mostraram um aumento na cobertura da tecnologia e das suas consequências a partir de meados dos anos 70, acompanhado por um aumento na proporção relativa de declarações críticas da tecnologia (PETERS, 2000, p. 214).

Redigir Ciência

A difícil tarefa de transmitir ciência ao público leigo é e tem sido exercida não só por jornalistas, mas pelos próprios cientistas, educadores, autores de ficção científica, etc., que devem ter consciência do desafio de partilhar o conhecimento, mediante recursos lingüísticos, retóricos e visuais, para alcançar o grande público, (EPSTEIN, 2001, p.253). A mediação entre especialistas e não-especialistas feita com escolhas lexicais e formações discursivas próprias (FIORIN, 2001, p.32), ganha destaque quando é preciso levar o debate científico ao grande público, pois nem só de declarações e feitos de cientistas se alimenta o noticiário sobre C&T (BELDA, 2003, p.21).

“Escritores de ciência” são aquelas pessoas nos Estados Unidos que passam a maior parte do tempo escrevendo sobre temas das áreas de conhecimento altamente organizadas conhecidas como ciências. Nesse caso, redigir ciência abrange também temas como a aplicação da ciência através da engenharia e tecnologia e, especialmente as ciências-arte da medicina e cuidados com a saúde. As ciências social e de comportamento também são temas que competem ao redator científico.

Medicamentos novos, descoberta de estrelas ou planetas, novas formas de vida, meio ambiente, energia, dentre outros, são os inúmeros assuntos de competência do redator de ciência. O objetivo da redação científica é expandir para fora, para audiências além da esfera especializada dos cientistas, de onde se originou a informação, fornecendo elementos para pessoas com formação de segundo grau ou superior ou ainda educando crianças com o fim de ampliar sua limitada experiência, transportando-as para fora dos limites de sua sala de aula.

Um cuidado muito importante consiste no fato de que um trabalho não é ciência até que seja revisto por outros cientistas, profissionais igualmente capacitados, e publicado na literatura científica. Há também a necessidade de separar e explicar ao leitor os vários tipos de cientistas. Há o cientista puro ou acadêmico, interessado na especulação do mundo natural, o cientista fundamental, que explora problemas cujo estudo pode revelar informações que aumentem a compreensão do problema. O cientista aplicado é aquele que trabalha num programa específico, de forma não generalizada, voltado a uma única área.

A divulgação científica não deve fugir às normas gerais da redação e necessita apresentar clareza, eliminando sempre que possível a aridez do assunto, tornando-o agradável e em nível de compatibilidade com o leitor comum. Torna-se necessário explicar, interpretar e informar o máximo possível sobre as descobertas e orientações científicas. Nesse sentido, a ciência não é apenas de interesse de seu círculo direto, mas de todo o público em geral que está atento e interessado nas inovações científicas, capazes de alterar o curso de suas vidas (ERBOLATO, 1981, p. 43).

O discurso jornalístico é, em certo sentido apropriação e reformulação, tendo em vista a apropriação social do discurso científico na medida em que o jornalista o reformula segundo lógicas midiáticas em um discurso próprio, conforme BELDA (2003) e ZAMBONI (2001).

A socialização da ciência pelos meios de comunicação acaba por fazer com que a ciência perca um pouco de seu jargão técnico. A popularização da ciência ocorre da mesma forma com a sua aplicação “sensacionalista”. Um grande perigo reside na incongruência entre o que o pesquisador disse e o que o redator interpretou. Ao escrever sobre ciência, o redator tenta explicá-la em termos de analogia e símiles. Tal caminho pode levar a despir a ciência de muitas de suas nuances, incorrendo em erros de super simplificação.

Escolha das notícias de ciência

A abundante informação sobre ciência, medicina, engenharia e tecnologia pode ser sufocante. Toda ela interessa potencialmente a alguém, em algum lugar. A tarefa da escolha é fundamentalmente importante para a recepção do leitor. Julgamento criterioso sobre a importância das notícias faz parte do processo de tomada de decisões. A compreensão dos critérios que determinam o valor noticioso ajudará a desenvolver o julgamento das notícias. Uma classificação foi proposta por Luiz Beltrão (ERBOLATO, p. 43-44) com relação aos setores a serem abrangidos pelo jornalismo científico que podem ser assim divididos:

- a. **exploração da natureza e do cosmos** (flora, fauna, desertos e montanhas, conquista do espaço aéreo e dos planetas);
- b. **previsões de progresso à base de observações e experimentos realizados nos laboratórios;**
- c. **tentativas de penetrar o desconhecido e o misterioso** (manchas solares, canais de Marte, discos voadores);
- d. **as revoluções na indústria** (aplicações de plástico, descoberta de produtos sintéticos);
- e. **novos meios de entretenimento e repouso espiritual** (cinemascope, som estereofônico, televisão em cores, cinerama);
- f. **filosofias e doutrinas políticas e sociais** (com adeptos e opositores);
- g. **combate às enfermidades** (cura do câncer, novos antibióticos, aperfeiçoamento da cirurgia);

- h. **luta entre o homem e a máquina** (melhoria dos meios de transporte, causas do desemprego);
- i. **decoração e adornos** (conforto para as moradias e aumento da atração física individual);
- j. **preparação para a guerra** (radar, bomba atômica).

É bem verdade que tal classificação não esgota a pluralidade dos temas científicos dada a sua enorme extensão e às constantes inovações que são trazidas à luz em quase todos os ramos do saber científico. Na escolha não existem regras gerais. O senso de oportunidade (timing), impacto, significado, pioneirismo e interesse humano são os fatores mais importantes. A variedade e o conflito também são considerações.

O senso de oportunidade refere-se ao perigo da difusão de informações ultrapassadas, velhas. Todavia não significa mais do que simplesmente imediatismo, uma vez que uma inovação requeira um estudo de uma teoria anterior. “Timing” está intimamente relacionado ao senso de oportunidade, onde um assunto pode ser relevante ao redator de ciência na medida em que estiver ligado a algum evento estranho à ciência. Como exemplo, a pesquisa psicológica sobre a melancolia no período de natal pode significar um assunto para essa época.

O impacto está ligado ao nível de repercussão e reflexo por parte dos leitores. Determinadas pesquisas trazem consigo o seu público, como sexo, medicina, etc. Já o significado diz respeito ao sentido em que uma matéria terá para o público leitor. Trata-se de qual relevância o assunto pode ter para o momento e para o leitor. Pioneirismo e singularidade trazem em si a novidade, o furo noticioso que os cientistas às vezes amaldiçoam. Por fim, o interesse humano é encontrado em matérias que apelam às emoções, à reciprocidade entre a matéria e seu leitor.

Variedade e equilíbrio são fatores fortes que determinam o conteúdo dos jornais, revistas e transmissões noticiosas. Nesse sentido, combinar matérias que não se contrastam e buscar a variedade constituirão elementos atrativos para a redação científica.

Outros fatores como a proximidade do texto e o conflito que o permeia podem significar importantes elementos da seleção noticiosa. Haverá sempre um conflito, um jogo de interesses e oposições que irão compor uma posição ou um enunciado científico, que

deve ser explicitado e colocado de forma a chamar a atenção e o julgamento do leitor. Estilo e forma não devem ser tratados de forma negligente. A escolha do estilo e da forma corroborarão para o sucesso da matéria.

Todavia, fatores como o conflito, a proximidade, o interesse humano dentre outros, não são os únicos valores importantes para a notícia, que acionam os meios de comunicação de massa. Dentro da perspectiva de Abraham Maslow¹ que desenvolveu a proposição de que as pessoas agem para preencher certas “necessidades e gratificações”, vale a pena destacar as necessidades que podem coadunar-se com as matérias científicas. São três:

Necessidades de sobrevivência definem o interesse de boa parte dos leitores de ciência. Os aspectos fundamentais de sobrevivência como moradia, alimentação, segurança, transporte básico, saúde, sexo, afeição e contato sexual, etc., são de grande interesse de determinada parcela de leitores, disputados em todo o segmento jornalístico.

Já as necessidades culturais ou estilos de vida podem dominar o interesse dos leitores, depois que as necessidades de sobrevivência são satisfeitas. Temas como escolha alimentar e nutricional, condições de trabalho, cultura diversa, hábitos, costumes, tradições, etc. fazem parte desse material.

Necessidades de conhecimento, a curiosidade, o desejo pelo saber, o gosto pelo novo, o inusitado, necessidade de crescimento em áreas pessoais ou econômicas, possibilidade de carreiras podem tanto significar entretenimento como uma apreciação do saber enquanto necessidade de conhecimento.

Reunindo notícias de ciência

Um dos grandes riscos para reunir e redigir notícias de ciência está na contradição que se estabelece entre a valorização da novidade e os cuidados que se deve ter em divulgar afoitamente uma novidade para um público ávido, porém jejuo dos meandros e avatares da ciência de uma pesquisa científica (EPSTEIN, 1997, p. 38). A tarefa básica do redator é compreender o “como” ou o “porquê” de algum progresso científico ou médico e a sua

¹ Abraham Maslow – psicólogo comportamental norte-americano que estudou o comportamento dos primatas entre 1945 e 1947. Criou a hierarquia das necessidades, ou pirâmide de Maslow, constituída de necessidades fisiológicas de segurança, sociais, auto-estima e auto-realização.

significação, e transmitir isso ao leitor ou espectador com a máxima precisão possível. Ocasionalmente, ocorre que o jornalista não pode escrever sobre uma teoria ou descoberta em função da mesma não ter sido revista, consagrada e publicada. Cumpre superar tais obstáculos. Vale ressaltar a importância de que o redator demonstre ao cientista sua simpatia e direção em objetivos comuns aos dois. Não é a realidade e, possivelmente a verdade, que buscam tanto o jornalista quanto o cientista.

A ideologia do progresso, que durante muitos anos escudou o desenvolvimento da ciência e da tecnologia contra a crítica, desgastou-se, tendo levado à substituição de uma aceitação acrítica das tecnologias por uma perspectiva que tem em conta os seus custos e os seus benefícios. A eclosão de novos movimentos sociais, como o movimento antinuclear ou o ambientalista, contribuiu igualmente para uma visão mais crítica do impacto da ciência e da tecnologia (PETERS, 2000, p. 213).

As fontes científicas - pessoas, conferências, reuniões e publicações - são o objeto de procura do redator de ciência. Assim, um relacionamento seguro deve-se firmar entre o jornalista e sua fonte. Para medir a importância de uma “ciência”, o ideal é verificar seu respaldo no mundo científico, se é seguramente citada e se tem tanto coerência interna quanto externa. Os resultados são de enorme importância para a validade da mesma. A redação científica deve apoiar-se em cinco fatores: documentação, verificação, interrogação, observação e participação. Periódicos especializados são uma importante ferramenta para tal trabalho. Em todo o caso, a técnica de fazer perguntas concisas auxiliará bastante.

Sobre a maneira de dispor e compor as reportagens em sua divulgação científica, veja a classificação de Andrejus Korokolvas (ERBOLATO, p. 48) sobre os assuntos que podem ser tratados:

1. artigos de divulgação científica de interesse geral;
2. biografias de cientistas ilustres, cujos centenários de nascimento ou de morte ocorram, relatando sua contribuição à ciência e à técnica;
3. descrição de descobertas e fatos importantes no setor da ciência, inclusive quando ocorrem seu centenário ou datas significativas;

4. reportagens sobre institutos de pesquisa, escolas superiores, colégios, ginásios, feiras de ciência e congressos científicos;
5. resumo de conferências científicas importantes;
6. súmulas de artigos de interesse do grande público, publicados em revistas especializadas;
7. entrevistas com cientistas, pesquisadores e professores nacionais e estrangeiros sobre temas científicos.

A seção de ciência conteria as seguintes subseções permanentes: cursos, conferências, reuniões, congressos, livros científicos, progressos da ciência, teses, curiosidades científicas e fotos de máquinas, instrumentos e novos aparelhos.

Notícias de Ciência, Medicina e Saúde

A maior parte da reportagem médica lida com notícias transc científicas. Os valores econômicos, políticos, de personalidade e sociais estão mesclados nos empreendimentos científicos que envolvem a medicina. A compreensão da cultura da saúde deve nortear o trabalho do redator de ciência, uma vez que tal ciência muito se desenvolveu nesse século, a ponto de garantir uma expectativa de vida acima dos 70 anos, contra 50 no início desse século. Cuidados com a saúde, drogas, suplementos e instrumentos médicos, clínicas, hospitais movimentam bilhões de dólares anualmente em todo o mundo, dando uma idéia de sua importância e amplitude.

Dessa forma, a medicina absorve muito o uso dos meios de comunicação e emprega a maior parte dos relatores de ciência e medicina. Alguns hospitais empregam redatores, editores, fotógrafos e artistas para as comunicações com a equipe, pacientes e comunidade médica. Materiais educativos para funcionários, pacientes e o público, relatórios de pesquisas, brochuras, panfletos, roteiros, traduções, revistas médicas, publicidade e publicações específicas da área médica, jornais, dentre outros, constituem o vasto campo de atuação de redatores de ciência voltados ao setor médico. Destarte, deve ressaltar as colunas de saúde e medicina de diversas publicações não ligadas à área médica como

revistas femininas, masculinas, variedades, jornais locais, etc., fazendo com que publicações variadas abram espaço para a informação médica e de saúde.

Entretanto, é comum a presença de obstáculos que podem dificultar a popularização da informação médica. Há uma tendência freqüente entre pesquisadores e médicos em condenar a mídia e em atribuir a desinformação do público à cobertura inadequada por parte da mídia (EPSTEIN a, 2000, p.178-9). As dificuldades, contudo, centradas nas diferenças culturais entre jornalistas e pesquisadores, não escondem também a busca por cooperação entre ambos.

Cientistas escrevem artigos para jornais e revistas, fornecem fotografias científicas, diagramas e até filmes (p. ex. a NASA), cooperam prontamente com equipes de televisão que lhes aparecem nos laboratórios, dão entrevistas a jornalistas e servem como conselheiros científicos durante a produção de programas de televisão sobre assuntos científicos (PETERS, 2000, p. 215).

Para um acesso adequado, cumpre notar a sensibilidade de relações que envolvem a comunidade médica, notadamente nos aspectos da confiança e confidencialidade entre médico e paciente. Como são necessárias as informações tanto de médicos quanto de pacientes, deve-se evitar equívocos habituais na transmissão das informações médicas sobre pacientes específicos. Quando necessário, o uso do sigilo não deve ser descartado. Pesquisa adequada sobre o tópico a ser entrevistado será de grande valia e apreço por parte do profissional que cederá a entrevista, bem como auxiliará a evitar distorções e perguntas infundadas. Outra observação consiste em que cada profissional está autorizado a falar por si só ou, quando estiver em consenso com uma comunidade maior, mas, nunca autorizado a “falar pela medicina”, sendo suas opiniões estritamente individuais.

Procedimentos padrão são informações que os médicos irão passar costumeiramente. Assim, deve-se consultar um manual apropriado como orientação. O *Merck Manual of Diagnosis and Therapy* é um breve guia desses procedimentos. O *Physicians Desk Reference*, conhecido como PDR, traz importantes informações sobre drogas e seus efeitos. Tais informações como também efeitos colaterais, poderão ser adquiridas com professores de medicina e de farmacologia. Com respeito aos novos medicamentos e tratamentos, deve haver um cuidado com o entusiasmo por parte dos

redatores de ciência com o fim de não levantar falsas esperanças e atender a apelos de mercado.

Tão sensível como o relacionamento médico-paciente é o relacionamento médico-hospital. Conflitos de poder tais como estrutura institucional, equipes médicas, administrativas, enfermeiros diplomados e em treinamento, técnicos, secretárias e voluntários são uma constante nesse tipo de ambiente. Diante de tal situação, o redator deverá compreender a necessidade de permissão e a existência de políticas próprias de cada hospital e de seus funcionários. Os hospitais constituem rico espaço para a produção de matérias a partir de técnicas utilizadas, estatísticas, taxas de mortalidade, natalidade, infecções hospitalares e outros que estão ao alcance do redator que compreender e ultrapassar os obstáculos inerentes às políticas de cada hospital.

Outro importante dado a ser observado é a relação entre a medicina e o seu aspecto legal. Disso decorre a necessidade de se conhecer todos os aspectos legais concernentes à medicina, o que poderia resultar em interessantes tópicos de matérias para serem abordadas e também o monitoramento da liberação das informações médicas que são governadas por leis federais e estaduais. Outros aspectos como registros médicos de laudos de falecimentos, nascimentos e outros casos, deverão ser abordados com os critérios necessários, direcionados pela ética jornalística e a política legal vigente. Um importante aspecto dentro da legislação de saúde e medicina consiste na regulamentação de abortos, relacionados à estupro, gravidez de risco, má formação do feto e crianças retardadas (BURKETT, 1990, p. 166). Este último foi verificado na suprema corte de Washington em 1984, decretando que duas crianças retardadas não deveriam ter nascido. Exemplo semelhante surgiu em Nova Jersey e Califórnia. Eutanásia, morte induzida, cirurgias de alto risco, erros médicos, efeitos colaterais de drogas que não eram conhecidos antes de sua liberação (exemplo típico é a talidomida) são assuntos de grande interesse para o redator de ciência. Experiências envolvendo seres humanos e até animais também são alvo de críticas por grupos defensores da vida e dos animais, dado os abusos que se cometem em nome da ciência. Situação delicada e que foi largamente debatida em todos os meios de comunicação no mundo todo foram as experiências de clonagem de ovelhas.

Um determinado aspecto da medicina e seu âmbito legal consiste na sua relação com a política pública de cada cidade, estado ou nação. Cada uma dessas unidades terá sua

própria política de saúde, no controle de endemias, saneamento básico, instrução à população, controle de zoonoses, medicina preventiva, postos de saúde, clínicas e hospitais, e diversos assuntos ligados à saúde da população. Os departamentos ou secretarias de saúde irão fornecer as informações necessárias ao redator sobre a política vigente, os desafios e as estratégias junto aos problemas do cotidiano, coletas de dados, equipes de estudos e pesquisas, estatísticas e vários outros assuntos. Para o redator de ciência, é imprescindível o bom relacionamento e profundo conhecimento da política local de saúde.

Temas éticos na redação científica

Suborno, ofertas de dinheiro para anunciar uma droga, minimizar efeitos nocivos de drogas, cigarros e produtos químicos são alguns exemplos de uma postura antiética no jornalismo científico. Geralmente as práticas éticas desenvolvem-se para ajudar a manter os redatores e seus veículos fora de conflitos de interesses reais ou aparentes que possam comprometer acurácia e a veracidade de suas reportagens. Evitar viagens grátis, alojamento e alimentação de uma fonte noticiosa constituem normas éticas de determinados meios de comunicação visando uma postura adequada em relação ao seu trabalho.

Todavia, surgem conflitos de interesses. Não aceitar uma viagem e despesas grátis poderá significar perda da matéria ou dificuldade em obtê-la. Grandes empresas de comunicação não sofrem desse problema, por custearem suas despesas, o que não ocorre com pequenas empresas e profissionais *free-lancers*. A ética fica altamente comprometida quando o ganho pessoal é colocado acima da capacidade e do empenho profissional. Deve-se salvaguardar de situações como essas, considerando as dificuldades inerentes aos conflitos de interesses que possam ocorrer.

Por outro lado, uma outra preocupação é importante. Contar aquilo que sabe e não oferecer tratamento sensacionalista ou ilusório sobre determinados temas. Já se perdeu a conta dos anúncios para a cura do câncer, vacinas anti-aids e diversas outras situações. O mesmo se dá com teorias de ciências como Psicologia dentre outras. Teorias hipotéticas e construções sem o devido reconhecimento, bem como ramos do conhecimento não científico tais como ciências esotéricas, são apresentadas como dignas de toda confiança, utilizando de recursos chamativos e sensacionalistas. Trata-se da pseudociência que tanto é

explorada nos meios de comunicação de massa e que tanto tem preocupado a comunidade científica em função do tratamento recebido pelos jornalistas. A existência de fraudes também deve ser levada a sério através de um rigoroso exame na escolha da matéria e do tratamento que deve ser dado à mesma.

Conclusão

O presente estudo consistiu em uma tentativa de perscrutar o tema do jornalismo científico, sobretudo no que diz respeito sobre a redação de notícias sobre saúde. Tema de grande importância e uso no jornalismo atual, ainda não é suficientemente trabalhado no campo da produção científica da comunicação social. A base que foi coligida a partir do jornalismo em ciência médica deveu-se ao tratamento que o tema vem recebido e, também em função de ocupar a maior parte da redação de ciência dos meios de comunicação e o interesse do público.

Neste crescente interesse por parte da sociedade, a divulgação científica que envolve notícias sobre saúde esbarra em um grande dilema ético. Grandes laboratórios, clínicas, hospitais e fornecedores de medicamentos e equipamentos hospitalares movimentam bilhões de dólares, traduzindo-se em um grande lobby para o espaço da comunicação científica. Logo, o profissional que redige ciência e comunicação da saúde precisa não somente dominar as técnicas de um bom texto, capaz de atrair o interesse do leitor e facilitar sua compreensão, mas, sobretudo, dialogar criticamente com os conflitos de interesses presentes neste campo e o interesse primeiro: a saúde e bem-estar dos consumidores e contribuintes.

Referências bibliográficas

BELDA, Francisco Rolfsen. (2003) **Alimentos transgênicos e imprensa** – um estudo do discurso jornalístico de divulgação científica. Dissertação de Mestrado em Ciência da Comunicação, ECA-USP, São Paulo.

BORDENAVE, J. E. D. (1986) **Além dos meios e mensagens**. Introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência. Petrópolis, Editora Vozes.

BUENO, Wilson (1984). **Jornalismo científico no Brasil**: os compromissos de uma prática dependente. São Paulo: USP/ECA (tese de doutorado).

BUENO, Wilson. **Jornalismo científico no Brasil: aspectos teóricos e práticos**. São Paulo: Contexto. Disponível em: <http://www.contexto.com.br/>, acesso em 10/06/2006

BUENO, Wilson. (2001) **Os novos desafios do jornalismo científico**. São Paulo, Contexto. Disponível em <http://www.contexto.com.br/>

BURKETT, Warren. **Jornalismo científico: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Forense, 1990.

CALDAS, Graça. **Mídia, ciência, tecnologia e sociedade**. Disponível em <http://www.contexto.com.br/>

CALDAS, Graça. **Jornalistas e cientistas: a construção coletiva do conhecimento**. Em revista Comunicação & Sociedade. São Bernardo do Campo: Umesp, nº 41, 2004.

CHAPARRO, M. C. (1993) **Jornalismo científico vive fase de contradição no Brasil**. São Paulo.

CHRÉTIEN, Claude. (1991) **A ciência em ação**. Campinas, Papirus.

CALVO HERNANDO, M. (1990.) **El periodismo do terceiro milenio**. Arbor, Madrid,

CALVO HERNANDO, M. **Manual de periodismo científico**. São Paulo, Edusp, [s.d.]

EPSTEIN, Isaac. **Os possíveis efeitos negativos devido à publicação prematura de notícia inesperada ou “novidade” na divulgação científica em medicina – O caso da bactéria chlamydia**. Em revista Comunicação & Sociedade. São Bernardo do Campo: Umesp, nº 27, 1997.

EPSTEIN, Isaac. **Comunicação e saúde**. Em revista Comunicação & Sociedade. São Bernardo do Campo: Umesp, nº 35, 2001.

EPSTEIN, Isaac. **Divulgação científica em Ciência Hoje – resenha**. Em revista Comunicação & Sociedade. São Bernardo do Campo: Umesp, nº 35, 2001.

ERBOLATO, Mário L. **Jornalismo especializado: emissão de textos no jornalismo impresso**. São Paulo: Atlas, 1981.

FEITOSA, Vera C. **Comunicação na tecnologia**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FIORIN, José Luiz (2002). **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto.

PETERS, Hans Peter. **A interação entre jornalistas e peritos científicos: cooperação e conflito entre duas culturas profissionais**. Em Revista Comunicação e Linguagem. Lisboa: Relógio D'água Editora, 2000.

POSSENTI, S. **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

ZAMBONI, L. M. S. **Cientistas, jornalistas e a divulgação científica – subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica**. Campinas: Editora Unicamp, 2001.

ZATZ, Mayana: entrevista [04/12/2006]. Programa Roda Viva. São Paulo: TV Cultura, 2006. Fita VHS (120 min). Entrevista gravada.